

# Resenha

**Marcelo REDE**

*Família e patrimônio na Antiga  
Mesopotâmia*

**Rio de Janeiro: Mauad X, 2007**

**ISBN 978-85-7478-213-3. 317 p.**

A região conhecida como Mesopotâmia, em grego *meso póta-mos*, que significa “entre rios” ou “região entre rios”, situada entre os rios Tigre e Eufrates (praticamente o atual território do Iraque), começou a despertar o interesse dos pesquisadores a partir do século XIX. Sir Henry Rawlinson (1810-1895), militar, membro do parlamento inglês, cônsul geral em Bagdá e orientalista, iniciou, em 1844, uma análise da “Rocha de Behistum”. Utilizando um método semelhante ao de Champolion, traduziu as inscrições presentes na rocha – persa, elamita, babilônica – chegando assim ao cuneiforme. A região inserida no chamado “Crescente fértil”, rodeada de deserto, foi oficialmente apresentada ao mundo acadêmico.

O historiador e professor da Universidade Federal Fluminense Marcelo Rede, há vários anos, se dedica a uma leitura detalhada sobre essa região, considerada por muitos como o berço da civilização. Foi às margens do Crescente fértil que, a partir do VI milênio a.C., os primeiros núcleos populacionais começaram a ser organizados, resultado da chamada “Revolução Neolítica”. Segundo Jaime Pinsky, em seu livro *As primeiras civilizações*, a sedentarização foi lenta e gradual. Mesmo com a revolução agrícola, levou certo tempo para os povos às margens do Tigre e do Eufrates se assentarem definitivamente. Com os benefícios advindos da fixação do homem – água, terra, pastos, cereais, entre outros –, por volta de 4000 a.C., as cidades começaram a se desenvolver. Mais tarde conhecidas como cidades-estado, prosperaram graças ao seu intenso comércio. Ur,

Lagash, Kish, Uruk, Uma foram geridas economicamente pelos templos, controlados por um rei-sacerdote, o *Patesi*.

Na obra, *Família e patrimônio na Antiga Mesopotâmia*, baseada em sua tese de doutorado defendida na Universidade de Paris, Sorbonne, Rede procura (e o faz com maestria), definir os problemas, métodos e fontes para realização deste trabalho.

No primeiro capítulo, são expostos os chamados “grupos domésticos”, grupos de famílias que se apropriavam das terras (o autor define isso como *apropriação familiar*). Também estão presentes os debates, modernos, sobre as antigas economias e os importantes arquivos familiares da família Sanum (com a sua genealogia). O melhor método para conhecer o cotidiano de um povo é o estudo da vida cotidiana dessa civilização e de seus arquivos, relatórios etc.

No capítulo dois, são tratados temas até então poucos trabalhados pela historiografia, como a família, o papel feminino, a posição da filha na cadeia sucessória, o matrimônio e o dote, em uma autêntica pesquisa de gênero.

Encerrando a primeira parte, no terceiro capítulo, o autor desenvolve uma análise da preocupação dos antigos mesopotâmicos quanto a preservação do patrimônio familiar e herança. Muitos desses arquivos, como era comum na Mesopotâmia, referem-se apenas aos descendentes do sexo masculino; ao menos, a parte do registro que chegou até nós.

Na segunda parte do livro, o autor descreve o espaço, a circulação da terra (acompanhada de uma importante cronologia, no capítulo quatro), a aquisição imobiliária e a preocupação com a produção agrícola (capítulo cinco), importante para a sobrevivência da região. Encerrando a segunda parte, no capítulo seis, são abordados os compradores, os agentes sociais, com detalhes sobre as transações imobiliárias e a economia política de Larsa.

Finalmente, na terceira parte, capítulo sete, comenta as intervenções palacianas e políticas nas propriedades domésticas. Segundo Rede, havia a preocupação dos governantes (no caso das vendas e aquisições das propriedades familiares) quanto aos efeitos de uma tensão social com origem no desequilíbrio das relações de parentesco e de vizinhança.

Em todos os capítulos, além de analisar a dinâmica social, o autor faz uma nova leitura das questões econômicas e familiares. Através de uma profunda análise documental e do levantamento incansável de novas fontes, realiza um extenso trabalho comparativo entre as fontes escritas oficiais e os arquivos particulares.

Um dos grandes méritos do livro consiste em apresentar um estudo detalhado e aprofundado das propriedades relacionadas

à economia local, explicando uma lenta composição ideológica e social na Mesopotâmia.

Rede é membro estrangeiro do Laboratório Haroc – História e Arqueologia do Oriente Cuneiforme – do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, da França. Realizou estágio no Museu do Louvre, tendo publicado os tabletas cuneiformes inéditos do reino de Larsa, atual Senkerah, localizada a sudeste de Uruk. Este centro urbano tornou-se, a partir de 2025 a.C., a cidade mais importante do sul da Mesopotâmia, sendo construído no seu território o templo deus-sol Shamash.

O autor não subordina a sua análise aos velhos padrões positivistas, mas, ao contrário, apresenta um quadro variado e original. O mesmo que já havia feito em sua dissertação de mestrado *A apropriação do universo material: o controle do espaço em Larsa durante o período babilônico antigo*, defendida na UFF, em 1994.

No prefácio, escrito pelo professor Ciro Flamarion Cardoso, titular de História Antiga da UFF, a obra é muito bem definida: “Além de se tratar de um livro original, de alta qualidade acadêmica, também configura uma decidida visão interdisciplinar”.

Portanto, trata-se de uma leitura obrigatória para todos que buscam interpretações bem ancoradas nas documentações originais, escritas ou iconográficas.

CLÁUDIO UMPIERRE CARLAN  
UNIRIO,  
Colaborador do Núcleo de Estudos Estratégicos  
(NEE/Unicamp)

### Referências

- GARELI, Paul. *O Oriente Próximo Asiático*: das origens às invasões dos povos do mar. Tradução de Emanuel O. Araújo. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1982.
- PINSKY, Jaime. *As primeiras civilizações*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*: estudo de antropologia da civilização: etapas da evolução sociocultural. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.